

## Canto V - A narrativa da viagem feita por Vasco da Gama

Com a narrativa de Gama neste canto ficamos sabendo dos acontecimentos que antecedem o primeiro canto. Assim, colocados em ordem cronológica, temos

Canto III Canto IV Canto V Canto I Canto II Canto VI (...)

Nesta narrativa estão ausentes os deuses (Vênus e Baco), o que comprova que a sua existência não é conhecida por Gama. O plano histórico desconhece a existência do plano mitológico, aspecto a que em breve voltaremos e relativizaremos.

Como nota António José Saraiva a viagem possui uma série de elementos típicos que poderiam caracterizar qualquer viagem marítima que passasse pelo equador:

- 1- Passagem pelo equador
- 2- O Cruzeiro do Sul
- 3- O fogo de Santelmo
- 4 - A tromba marítima
- 5- O uso dos mapas
- 6- O uso do astrolábio
- 7- O escorbuto

Apenas dois elementos podem ser considerados mais característicos:

- 1- A aventura de Fernão Veloso (V, 31-36)
- 2- O episódio de Adamastor (V, 37-60)

Mas, de fato, o primeiro destes episódios não é exatamente específico. Como notou Saraiva, o que aconteceu com Veloso poderia ter ocorrido com vários outros navegantes. Assim apenas Adamastor seria específico da viagem de Gama.

Vasco da Gama não foi o primeiro a dobrar o Cabo da Boa Esperança (que antes se denominava Cabo das Tormentas). O primeiro havia sido Bartolomeu Dias, em 1488. É a forma como é narrada esta passagem que a torna peculiar, pois o cabo se transforma num gigante, Adamastor, sendo desta forma, em certo sentido, humanizado.

Para melhor entender as referências presentes na fala de Adamastor, ver as notas presentes nas paginas 246-249 da edição de *Os Lusíadas* que está no Moodle

O episódio pode ser assim dividido

- 37-40: Apresentação [Ler]
- 41: Comparação entre os portugueses e os outros povos [Ler]
- 42-48: da mesma forma que Júpiter em sua conversa com Vênus, Adamastor é utilizado para profetizar acontecimentos futuros da história de Portugal.
- 49: Vasco da Gama pergunta quem ele é
- 50-60: Adamastor conta a sua história: foi um dos filhos da Terra que se revoltaram contra os deuses. Apaixonou-se por Tétis e, graças a uma artimanha desta, foi transformado no Cabo das Tormentas

Hipóteses possíveis para a presença deste episódio em *Os Lusíadas*:

Cria um episódio *maravilhoso*, o que não era incomum nas epopeias

O gigante poder simbolizar a "oposição divina aos humanos que ultrapassam os limites marcados pelas divindades"(SARAIVA, 1961, 115), tema com múltiplas manifestações na literatura clássica.

É um dos elementos utilizados para profetizar a *história futura* de Portugal, ou seja, os acontecimentos posteriores à viagem de Gama.

3- Aumenta o valor do futuro encontro entre Tétis e Gama na Ilha dos Amores, ao mostrar que ela desprezou o gigante e, depois, procura o capitão.

O episódio cria problemas para a análise que apresentei até agora de *Os Lusíadas*. Se, como afirmei, o plano histórico desconhece o mitológico, aqui temos uma irrupção do plano mitológico no interior do histórico, pois Gama indica que viu o gigante. Ou seja, é necessário reformular a hipótese inicialmente formulada.

Este não será o único momento em que este tipo de irrupção acontece, ela voltará a ocorrer quando os navegantes desembarcarem na Ilha dos Amores. Se articularmos os dois episódios podemos pensar que em ambos estamos diante de alegorias. O gigante mostraria, como por sinal é indicado na edição do livro que utilizamos, a passagem do mundo conhecido para o desconhecido, e os perigos que enfrentam os navegantes. Já a Ilha dos Amores seria o prêmio que eles recebem por ter atravessado inúmeras provas, e as ter vencido.

Um aspecto que também une estes dois episódios é que em ambos as figuras mitológicas assumem como verdadeiro deus o Deus cristão. Adamastor diz

V, 45: "E do primeiro ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os céus  
Serei eterna e nova sepultura  
**Por juízos incógnitos de Deus."**

Já Tetis dirá a Gama que ela e os demais deuses greco-latinos "só pera fazer versos deleitosos / Servimos" (X, 82) [Ler X, 82-85]

Ou seja, podemos complexificar um pouco o que havíamos dito. Durante a maior parte da viagem de Gama há dois planos, o mitológico, responsável pela ação, e o histórico, que desconhece a existência do primeiro. Já em certos momentos, com claro objetivo alegórico, há um entrecruzamento dos dois planos, momentos em que as próprias figuras mitológicas apontam como verdadeiro motor dos acontecimentos o Deus cristão, o que não ocorre quando temos a disputa entre Vênus e Baco.

Gama termina a sua narrativa comparando o que fez com o que a épica clássica canta (V, 86-89) [Ler]